Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Primeiro dilaceram-se os homens

Crónica A culpa de uma guerra é sempre de quem a desencadeia. É de quem, tendo nas mãos as rédeas do poder, acha que a guerra é a melhor maneira de resolver uma disputa, seja ela qual for. Uma marcha em Craonne, França, em Abril, pediu a paz na Ucrânia e lembrou outra guerra trágica

Por Paulo Faria texto e fotografia

Presente e passado
Em cima, janela de uma casa na aldeia de Craonne, Aisne. Ao lado, Noël Genteur, de pé num dos seus campos de forragem, de braços abertos, a explicar-nos as subtilezas do manejo de um tractor num prado de limites angulosos — um campo verdejante que, há 105 anos, fazia parte de uma paisagem lunar, feita de crateras de obus, de lama, de cadáveres

É muito fácil começar uma guerra. Difícil é pôr-lhe fim. Se há coisa que a Primeira Guerra Mundial nos ensinou foi isto. No passado dia 16 de Abril, 450 pessoas marcharam em Craonne, no Aisne, em França, pela paz. No Chemin des Dames, o lugar onde, em 1917, há 105 anos, nesse mesmo dia, os franceses lançaram uma ofensiva desastrosa, mal preparada, tentando pôr fim à guerra interminável que se arrastava desde 1914.

A culpa de uma guerra é sempre de quem a desencadeia. É de quem, tendo nas mãos as rédeas do poder, acha que a guerra é a melhor maneira de resolver uma disputa, seja ela qual for. Quando cai a primeira bomba, quando morre ou fica ferida a primeira vítima, deixa de fazer sentido falar-se do contexto que conduziu à guerra. Há sempre um contexto que conduz a uma guerra, seja a Grande Guerra, seja a Guerra na Ucrânia. E depois há alguém que, perante esse contexto, toma a decisão de fazer a guerra. Essa pessoa é a responsável pelos mortos e pelos feridos. Essa pessoa é criminosa. Se em 2003 chamámos criminosos a Bush, Blair, Aznar e Barroso, como podemos não chamar criminoso a Putin?

Noël Genteur foi, desde o início, a alma da "Marcha sem capacetes e sem armas" de 16 de Abril. Durante dois anos, a pandemia de covid-19 impediu a realização da marcha. Este ano, quando finalmente houve condições para a retomar, pela décima quarta vez, quis a ironia do destino que, há algumas semanas, ele fosse infectado pelo coronavírus. Extremamente debilitado, apesar de já ter testado negativo, não pôde marchar. Mas, às 5h30 da madrugada, quando os participantes se reuniram em frente à *mairie* de Craonne, na noite iluminada pela lua cheia, para iniciar a marcha, Noël, com grande esforço, falou aos presentes. E disse que a marcha deste ano era especialmente importante. "O monstro da guerra despertou de novo na Europa", disse. "O monstro encarnou. Não veio de lugar nenhum. Está em nós. Tinham-nos dito que a guerra na Europa acabara. Era, afinal, mentira."

Duas toneladas por metro quadrado

Noël Genteur ofereceu-me um livro sobre a Grande Guerra. As memórias de um cirurgião francês, Prosper Viguier, que operou os feridos do conflito nos hospitais de campanha, a escassos quilómetros das linhas da frente. Viguier conta o que fez e viu, e fá-lo com uma secura científica arrepiante. A guerra são os corpos dilacerados, destruídos. A guerra é um sofrimento insuportável. Abro ao acaso e leio: "28 de Maio de 1917, Chemin des Dames. Chega-nos um ferido com uma enorme chaga lombar. Abrindo-a a bisturi, apercebo-me da fractura completa da coluna vertebral ao nível da segunda e terceira vértebras lombares. Não levo mais longe as minhas investigações. Tratamos o choque como habitualmente. O ferido morre durante a noite."

A marcha começa a um quarto para as seis da madrugada, porque foi a essa hora que, a 16 de Abril de 1917, os soldados franceses partiram para a carnificina. Termina, horas depois, nas alturas do planalto de Californie, onde Noël Genteur aguarda os participantes e nos diz que, neste momento tão negro da história europeia, "o importante é fazermos viver a palavra 'fraternidade'". Quando tornamos a descer para a aldeia de Craonne, fico para trás com Noël. Como de costume, ele vai-me apontando os estilhaços de obuses incrustados na terra do caminho, entre dois campos de lavoura. Ali, uma cabeça de obus inteira. E além uma outra, que se fragmentou na explosão. E aqui, um grande estilhaço que parece uma lâmina enferrujada. Caíram duas toneladas de obuses por metro quadrado no Chemin des Dames. Em 2021, recolheram-se nesta terra 45 toneladas de obuses por explodir. A guerra tem data certa para começar, mas deixa marcas nos corpos e na terra durante muito, muito tempo. Será que Putin o sabe? Ou faz de conta que não sabe? Ou sabe, mas acha que há coisas mais importantes?

Homens e roupa suja

Prosper Viguier, de novo: "9 de Março de 1916. Um alferes do 86.º RI foi atingido no rosto por um estilhaço de obus que lhe despedaçou o lado esquerdo do maxilar superior. O seio maxilar ficou exposto, e a hemorragia abundante só pôde ser estancada, no posto de primeiros socorros, graças a uma ligadura a cingir a cavidade sinusal. Foi possível, após uma incisão apropriada, fazer uma raspagem desta cavidade, remover todos os fragmentos de osso livres e ainda o projéctil, do tamanho de uma avelã. Estancámos a hemorragia com relativa facilidade, e o ferido não teve febre durante os quatro dias em que permaneceu no hospital de campanha, antes de o transferirmos para um centro de próteses faciais."

Ao ler isto, lembrei-me de Mary Borden,

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

uma escritora americana que trabalhou como enfermeira durante toda a Grande Guerra num hospital de campanha, por ela montado e equipado com o seu próprio dinheiro. Em 1929, publicou um livro de contos, *The Forbidden Zone*, baseado nas suas experiências na guerra. O conto *Conspiração* é sublime e começa assim: "Está tudo cuidadosamente planeado. Tudo está planeado. O plano é este: primeiro dilaceram-se os homens, depois é preciso remendá-los. Assim como mandamos a roupa suja para a lavandaria e a remendamos quando a recebemos de volta, mandamos os homens para as trincheiras e remendamo-los quando eles voltam para junto de nós. Mandamos as peúgas e as camisas para a lavandaria uma e outra vez, e cerzimos os rasgões e aparamos os bordos desfiados do tecido uma e outra vez, tantas vezes quantas as peúgas e as camisas suportarem estes consertos. E depois deitamo-las fora. E mandamos os homens para a guerra uma e outra vez, enquanto eles forem capazes de o suportar; até eles morrerem, e depois deitamo-los para dentro de uma cova na terra."

Talvez Putin devesse ler Mary Borden. Haverá tradução em russo?

Na igreja de Craonne, numa exposição sobre os serviços de saúde durante a Grande Guerra, um painel ilustrado informava que os 10 milhões de mortos deste conflito se traduzem nestes números estarrecedores: 6400 mortos por dia, 240 mortos por hora, quatro mortos por minuto. Antes de chegar a Craonne, visitei a aldeia de Vrigne-Meuse, na margem direita do rio Meuse, nas Ardenas, onde se travaram os últimos combates da Grande Guerra. No cemitério da aldeia, ao lado da igreja, repousam 18 homens, todos mortos, a fazer fé nas datas inscritas nas cruzes, no dia 10 de Novembro de 1918, a véspera do armistício. Entre eles, o último morto francês da Primeira Guerra Mundial, Augustin Trébuchon, um humilde pastor de 40 anos, que fizera a guerra desde 1914 e já fora ferido duas vezes.

> *Só porque há demagogos, palermas e oportunistas que se indignam contra Putin, isso não nos pode impedir de nos indignarmos também*

Na verdade, diversas fontes fidedignas atestam que Trébuchon e vários outros homens ali sepultados morreram, isso sim, no dia 11 de Novembro, pouco antes das 11 horas, quando o armistício entrou em vigor. O regimento a que eles pertenciam recebeu ordem para atravessar o Meuse e atacar o inimigo, como forma de pressionar os alemães durante as negociações. Se as mortes na guerra são sempre inúteis, a morte de Trébuchon e dos camaradas foi ainda mais inútil do que as outras.

Envergonhadamente, a hierarquia militar francesa antecipou a data da morte de Trébuchon para dia 10. Oficialmente, nenhum francês morreu no último dia da Grande Guerra. Quando morrerá a última vítima da invasão da Ucrânia?

Num campo verdejante

Enquanto caminhava, juntamente com as outras 450 pessoas, em direcção ao planalto, pensei nesta nova tragédia europeia. A aversão à pirotecnia fofinha das redes sociais e aos lugares-comuns que tantos debitam não nos pode fazer perder de vista o essencial. Só porque há demagogos, palermas e oportunistas que se indignam contra Putin, isso não nos pode impedir de nos indignarmos também. Só porque não nos indignámos o suficiente no passado, não devemos indignar-nos menos agora. Só porque não fomos suficientemente solidários no passado, não devemos ser menos solidários agora. Não devemos passar o tempo a medir indignações e solidariedades. E devemos olhar para o contexto, sim. Mas mais tarde. Agora, só nos resta exigir a Putin que pare com a guerra que ele começou.

A imagem mais forte que trouxe para Portugal, feita de esperança e de fraternidade, foi Noël Genteur, de pé num dos seus campos de forragem, de braços abertos, a explicar-nos as subtilezas do manejo de um tractor num prado de limites angulosos. Sorridente, por momentos alheado da guerra, alheado da covid, cheio de entusiasmo.

Num campo verdejante que, há 105 anos, fazia parte de uma paisagem lunar, feita de crateras de obus, de lama, de cadáveres. Por causa de uma guerra que já ninguém sabe ao certo porque começou e que dura até hoje. É muito fácil começar uma guerra, difícil é pôr-lhe fim.

Escritor e tradutor literário